

Colóquio Internacional Convergência – Paris 2025

16 e 17 de maio de 2025

Norma, terceira, diferença

Le Cercle freudien

Alain Deniau, Annick Galbiati, Sandrine Malem

Acesso à norma?

A norma não é inata. Pelo contrário, ela é o resultado de um percurso que parte da criança para culminar em sua superação na maturidade psicológica. Uma etapa decisiva ocorre quando a criança, após ter se afastado daquele ou daquela que a introduziu na linguagem, abandona a situação de fusão com essa pessoa para compreender que, com ela, faz parte de um conjunto mais amplo, que inclui pelo menos outra pessoa — aquela que Freud chama de o terceiro, a Dritte Person.

Se esta inclusão não se efetuar, a criança permanece num estado de fusão, com a consequente fratura psíquica. É, pois, necessário que a criança tenha acesso a este espaço psicológico, indispensável para se tornar responsável pelos seus actos e palavras. Em todas as culturas, este é o momento das primeiras aproximações religiosas e das primeiras iniciações.

Assim, em sua relação com o outro na palavra, essas práticas fundamentam a alteridade e, portanto, o vínculo social. É a especificidade do sujeito humano ser construído pelo efeito da linguagem. Há um salto na passagem do Um para o Três. O Um é o tempo da fusão com o outro, tempo da vivência exclusiva. O tempo do Três é o do florescimento das três componentes do sujeito.

O Três impõe uma distância que diferencia. O humano pensa seu espaço de pensamento e de vida, individualmente e coletivamente, em um quadro gerado pelo Três, estruturando o inconsciente. Ele se ilude ao referir-se ao Um ideal promovido pelo monoteísmo.

Estas três componentes do poder no palco social só são fortes quando são separadas e diferenciadas.

A criança desenvolve a confiança, desde a primeira infância, sob a forma de uma fé naqueles que zelam por sua segurança e bem-estar. Uma vez estabelecida, essa disposição se estende aos outros seres humanos e à sociedade em que vive. A submissão à autoridade se constrói junto com a formação do Supereu. Ela exige confiança. Quando estabelecida na desconfiança, a submissão prepara o terreno para a rebelião. Um traço de revolta persiste e se torna um traço de carácter enraizado no narcisismo.

A legitimidade impõe uma aceitação da realidade, pois é a continuidade do quadro estabelecido pelos pais da criança. As crianças pequenas são profundamente

conservadoras. Esse traço persiste ou se agrava quando se tornam adultos. Assim, a mudança necessária exige fixar a atenção social na permanência do quadro, para fazê-lo evoluir internamente, e não transformá-lo bruscamente por uma identificação a um movimento de cólera.

Estas três etapas são estruturais para a prevenção política, porque reflectem e exprimem uma organização específica do ser humano. Lacan descobriu que essa estrutura decorre da expansão da linguagem no ser humano. É lógico, portanto, encontrar a própria estrutura da linguagem nas produções humanas. É preciso revelar o que é mascarado pela repressão e sua produção, a ideologia, que se constrói sobre o Um.

Assiste-se a um paradoxo que só pode ser compreendido pela ação do recalçamento: a psique é formada por uma tripartição que se constata nas obras humanas oriundas do pensamento individual e coletivo, ou seja, da civilização. Esta se reivindica inspirada pela unidade indivisível, onde cada ser humano reconhece a harmonia e o bem-estar que eram seus quando era carregado por sua mãe. A felicidade ilusória do paraíso perdido persiste em todos os humanos. Ela se torna a aspiração ao Único do monoteísmo. Lacan qualifica a religião cristã como "verdadeira" porque ela assume essa divisão entre a Trindade, divina e tripartida, e a unidade monoteísta.

Portanto, não pode existir uma norma que se imponha ao humano. Ela só pode ser o resultado de uma tensão entre a necessidade de identificação ao Um de todos e a tensão interna, ligada à própria natureza do inconsciente tripartido, que não pode deixar todo o espaço ao Imaginário.

Assim, a norma torna-se uma oscilação, um compromisso inconsciente do qual o sujeito deve se emancipar. Sua construção refere-se a uma massa, no sentido freudiano. Uma massa precisa, para sua consistência, de traços comuns de identificação. O Um, o Único, é então partilhado com os outros pela palavra trocada, formada e nascida do espaço do Três.

O espaço tripartido é radicalmente estranho ao espaço do Um, porque a existência de um vazio, de uma ausência, é necessária para a diferenciação entre seus três componentes. O vazio intrínseco, que Lacan chama de *a*, produz um quarto discurso, o do analista, que não é nem o do Mestre, nem a enunciação de um saber constituído, nem uma expressão do corpo. Ele se assemelha à invenção do artista que, a partir de sua existência, cria. Da mesma forma, em sua prática, o psicanalista só pode ser fora da norma.

Alain DENIAU

.../...

Norma, ternariedade, diferença

Em uma época em que, em nossas sociedades ocidentais, a representação de uma norma parece ter se despedaçado em favor de uma multiplicidade de referências comunitárias — como as da população LGBTQIA+ e seu desafio àquilo que Lacan chamava de “norma masculina”; onde o “Cada um com sua norma” — como instância subjetiva e reguladora — disputa com o “fora da norma”, essa noção levanta questões: dando lugar — entre o digital e as redes sociais, os “influenciadores” e seus “seguidores” — a uma nova forma de padronização.

Uma padronização em que o papel da imagem, do imaginário, se manifesta com força total.

Não poderíamos considerar a norma e sua padronização atual como uma versão imaginária da lei simbólica, uma versão ligada à *psicologia das massas* ?

Isso com consequências muito reais, em detrimento da dimensão simbólica, cuja função terceira — constitutiva do desejo — parece enfraquecer-se.

Em lugar do que “humaniza”, “civiliza” o pulsional, nos deparamos com ondas de gozo, explosões devastadoras, polarizando nossa sociedade aos extremos e fraturando-a. A lei, nesse caso, tende a reduzir-se à do mais forte, do imaginário, do arbitrário...

Se Lacan não cessou de distinguir o real do simbólico e do imaginário, foi também para interrogar a relação entre essas três consistências, sua “ternariedade”, sua interdependência.

O que inevitavelmente coloca em jogo a questão de seu enlaçamento — com seus fracassos — e sua interação no interior de cada análise, em sua singularidade.

Annick GALBIATI

Norma, castração, diferença: o preço da liberdade

Para pensar, é preciso antes distinguir uma coisa do seu contrário. O pensamento se constrói apoiando-se nos pontos de resistência do real, e isso desde o nascimento: a diferença entre o bom e o mau, entre vida e morte, homem e mulher, entre gerações... Freud afirma, no artigo *“Sobre o sentido oposto das palavras primordiais”*, que os conceitos são gerados por comparação. Eles nascem pela diferenciação, destacando-se progressivamente da unidade dual formada por dois opostos.

A norma, enquanto “princípio diretor extraído da observação da maioria”, pode ser definida como uma “média” entre dois excessos, pelo que a norma seria ela própria o correlato de uma falta - sendo precisamente a falta dessa falta que gera a ansiedade (e não o contrário). A norma seria, portanto, a incompletude e a temperança.

Para Lacan, mantendo-se muito fiel a Freud nesse sentido, a norma do desejo e a lei são uma e a mesma coisa, em oposição ao gozo. Essa lei é a que se fundamenta no Édipo, ou seja, o fato de que “gozar da mãe é proibido a todo ser falante”.

Teriam se tornado o apagamento dos limites, a uniformização e a indiferenciação a nova “norma”? É o que promove tanto o capitalismo globalizado impulsionado pelas redes sociais — apagando fronteiras e identidades — quanto o wokismo, essa ideologia que, sob o pretexto de promover a igualdade contra as discriminações, acaba essencializando e antagonizando os seres humanos segundo esta ou aquela característica à qual seriam reduzidos (gays contra heterossexuais, brancos contra “racializados”, mulheres contra homens...), negando a alteridade, pois toda diferença seria, nesta lógica, apenas um sistema de dominação e intimidação. Assim, acaba por se aproximar das piores ideologias totalitárias, que se baseiam na mesma lógica binária, sem nuances. Sai de cena o pai, esse eterno impedidor da fusão total, e, ao mesmo tempo: empobrecimento da linguagem e ódio ao outro. Essa sedução pelo indiferenciado não seria, afinal, uma fascinação pela morte?

Ao contrário, na análise, a fala, ao longo das sessões, com a multiplicidade de suas ressonâncias e equívocos, pelo próprio jogo do significante, se enriquece e se carrega de nuances, moldando um novo horizonte de liberdade para o sujeito graças à inesgotável inventividade da linguagem.

Sandrine MALEM